

Fotos: Arquivo pessoal



Com muito esforço, Maria José Basílio formou-se em psicologia



Da faxina ao consultório

Assim como a mestre em história e babá Janaína Costa constatou com os relatos em sua página nas redes sociais e em sua tese de mestrado, a história entre as trabalhadoras domésticas costuma se repetir. A psicóloga Maria José Basílio de Oliveira, 37 anos, também começou a atuar profissionalmente no início da adolescência e atuou grande parte da vida como empregada doméstica, faxineira e babá.

Formada e com duas pós-graduações, ela comenta que até hoje encontra dificuldades em se enxergar no “novo” papel que ocupa na sociedade e, embora tenha orgulho do trabalho que fazia e de onde ele a levou, sente na pele a inferiorização pela qual as trabalhadoras domésticas passam.

Em uma situação recente, precisando de um dinheiro extra para viajar e prestar um concurso, uma amiga, com quem Maria convivia há cerca de cinco anos, ofereceu R\$ 100 por uma faxina. Apertada de dinheiro e achando que a amiga tinha aproveitado a situação para ajudá-la, topou.

Durante a faxina, a colega brincou que não pagaria pelo serviço, já que por diversas vezes

Maria tinha dormido na casa dela sem custos e, durante as visitas, comia e bebia cervejas, comidas — e oferecidas — pela suposta amiga. A brincadeira não ficou por ali, Maria não recebeu o valor combinado e, mesmo pedindo e dando algumas indiretas, ouviu da moça que o valor seria “descontado”.

Magoada, Maria, mesmo formada e atuando como psicóloga, voltou a sentir a sensação de inferioridade que tantas vezes acompanha a desvalorização do trabalho doméstico. Infelizmente, o sentimento não é inédito. Quando era babá, ouviu da patroa que o arranjo de trabalho não funcionaria se ela quisesse estudar.

“Ela dizia que era porque precisava dormir, mas esse dormir era acordar de madrugada para limpar vômito quando as crianças passavam mal e ficar até depois de meia-noite lavando louças e arrumando a casa quando eles faziam churrascos e jantares”, lembra.

A desvalorização de Maria, como pessoa, não se resumiu ao serviço doméstico. Atuando na linha de frente em postos de saúde durante o auge da pandemia, teve sua formação colocada

em xeque devido à cor de sua pele. Ao chegar a um posto diferente do que trabalhava para fazer um teste, foi impedida por um enfermeiro, que disse não existir testes disponíveis na unidade. “Eu sabia que tinha, porque trabalhava na área e fui informada da chegada do material.”

Depois de buscar ajuda com os responsáveis pelo posto, Maria ouviu um pedido de desculpas do homem, que se justificou dizendo que não imaginava que ela era psicóloga ou que trabalhava na área da saúde. “É sobre a luta por um lugar no mundo. É sobre te perguntarem se você é a recepcionista, não menosprezando outras profissões, mas só nos enxergam em cargos mais desvalorizados. Volta e meia somos confundidas, como se eu não pudesse ser psicóloga.”

Maria começou a fazer faxina aos 12 anos, no interior de Pernambuco, recebendo R\$ 30 por mês. Aos 15, se mudou para Petrolina, e o “salário” aumentou para R\$ 150. “Em outra situação, ouvi de uma patroa que ela só contratava pessoas feias para não correr o risco de que o marido se interessasse.”

Em outra ocasião, com uma queimadura de